

Livro compara 'rappers' a pensadores gregos

O filósofo americano Richard Shusterman vai coordenar um projeto da Unesco sobre cultura urbana e música pop

Luiz Carlos Santos

Vivendo a arte: o pensamento pragmático e a estética popular de Richard Shusterman. Tradução de Gisela Domschké. Editora 34, 272 pgs. R\$29

Claudia Thevenet

SÃO PAULO

Que relação há entre o rap e a filosofia? E entre termos como *scratch mixing* — típico do vocabulário dos *rappers* — e a *Mona Lisa* gorducha de Fernando Botero? Essas questões são abordadas pelo filósofo americano Richard Shusterman em "Vivendo a arte: o pensamento pragmático e a estética popular". O livro analisa a difusão da arte popular e da cultura de massa à luz dos princípios estéticos do pragmatismo, elaborados nos anos 30 pelo americano John Dewey.

Professór da Temple University, na Filadélfia, e da New School for Social Research, em Nova York, Shusterman compara, por exemplo, a letra de um rap do extinto grupo Stetsasonic a um poema de T.S. Eliot. Seu último livro, "Practicing philosophy", foi lançado no ano passado nos Estados Unidos.

— Rap não é só entretenimento — diz o filósofo, que veio ao Brasil promover o lançamento do livro. — Vejo a cultura hip hop como um todo e gosto da combinação de música com uma mensagem político-educacional. Os *rappers* reivindicam que seu trabalho seja reconhecido como arte.

Eles vêem a arte como uma questão política, capaz de divertir e educar. Essa fusão é importante, porque não põe o pensar e o prazer em campos opostos.

No livro, o filósofo aborda as origens da cultura hip hop, que, apesar de encontrar suas raízes na cultura africana, nasceu no cenário dos guetos negros novaiorquinos nos anos 70. Uma das principais características do ritmo do rap é a mistura de músicas com efeitos de mixagem e *scratching* (ao pé da letra, arranhão: o DJ "arranha" o disco com a agulha, girando-o para frente e para trás e criando um novo som).

Para o autor, o rap cresceu criativo e independente

Foi nos anos 90 que o rap alcançou notoriedade na mídia, o que não significa, para Shusterman, que seja um produto dela:

— O ritmo passou a existir em função da tecnologia da mídia, mas não foi criado pela cultura de massa. O rap cresceu criativo e independente. Quando a mídia se apropriou dele, começaram a fazer coisas não tão boas, como o *gangsta rap*, que celebra a violência e vende mais discos por causa do sensacionalismo com que a imprensa trata casos de assassinatos de *rappers* ligados a brigas de gangues.

Shusterman se interessa mais pelas letras que levantam a bandeira da educação e da transformação social. Entre os que embarcaram na onda comercial, ele cita Vanilla Ice e "2 Live Crew".

Entre os *rappers* "positivos" está KRS-1, do grupo BDP:

— Ele se auto-intitula filósofo metafísico e professor e acredita no ativismo político. Alguns *rappers* se vêem como filósofos das ruas. Sócrates nunca ensinou na universidade, ele fez sua filosofia nas praças e nos mercados. Vejo os *rappers* positivos como pessoas que estão tentando continuar essa tradição da filosofia como uma forma ética de viver através de mensagens educativas. Alguns têm boas idéias, como o francês MC Solar, que cita Kant e Lacan em suas letras.

Convidado pela Unesco a dirigir um projeto sobre cultura urbana e música pop, o Music (Music Urbanism Social Integration Culture), Shusterman vê o Brasil como um campo de pesquisa:

— O projeto, que incluirá a elaboração de um CD-ROM e um livro, vai tratar de filosofia e história da vida cultural urbana, e de como a música e a cultura pop podem ajudar a integrar diferentes classes sociais nas cidades. O Brasil é um laboratório perfeito para esse estudo.

Para Shusterman, o rap brasileiro não deve ser visto como cópia do modelo americano:

— O rap é uma cultura de diáspora, com raízes africanas. Acredito que o rap produzido no Brasil fale dos problemas sociais do país dentro de seu contexto. A linguagem do rap mostra como uma cultura pode ser internacional sem ter a pretensão de um universalismo ultrapassado. ■



RICHARD SHUSTERMAN: "Eles vêem a arte como uma questão política"

Sofisticada provocação intelectual

• Algumas afirmações de Richard Shusterman podem induzir a um equívoco sobre "Vivendo a arte", principalmente quando *rappers* são comparados com filósofos, T.S. Eliot com Stetsasonic. Mas não é por capricho ou vontade de chocar que o professor americano faz aproximações que podem parecer inseridas num valeduto que muitas vezes se justifica e se vende como pós-moderno.

O livro de Shusterman é cuidadoso em seus argumentos, mas funciona como uma provocação intelectual: como achar o ponto de vista teórico, em algum lugar entre a recusa elitista e a aceitação populista, para abordar a arte popular? Shusterman não dá respostas, mas consegue fundamentar teoricamente, de forma clara, as bases para um pensamento que, acredita, seja útil para analisar uma cultura como a brasileira, onde popular e erudito muitas vezes se confundem. (Paulo Roberto Pires)